

DIÁLOGO SOBRE A FORMAÇÃO DE EDUCADORES, CURRÍCULO E MULTICULTURALISMO NA AMAZÔNIAⁱ

Claudia Justus Torres Pereiraⁱⁱ

Inácia Damasceno Limaⁱⁱⁱ

Paula Fernanda Pio Macedo Benarrosh^{iv}

RESUMO: O referido trabalho objetiva analisar o texto: Formação de Educadores, Currículo e Educação Multicultural: um diálogo Freireano na Amazônia, tendo sido construído pelas educadoras: Carmem Tereza Velenga, Elza Araújo dos Santos e Tânia Suely Azevedo Brasileiro. A escolha do texto ocorreu pelo fato do tema abordado está relacionado com a complexidade que permeia a temática: Humanidade a Construção do Sujeito Contemporâneo: uma perspectiva para a Amazônia. As reflexões a serem elaboradas estarão basiladas no enfoque da teoria Freireana que preconiza uma educação humanizadora e dialógica; e também consolidar uma sincronia discursiva com as idéias de Sarah LaBreac Wyman, que fortalece a necessidade de se considerar a diversidade cultural dos alunos nos espaços educativos. Tais análises reflexivas apresentam três eixos problematizadores fundamentais: como o currículo pode atender à diversidade e as peculiaridades regionais da Amazônia; quais os desafios atuais enfrentados na formação de educadores, no aspecto político e mais humano; e qual o destaque do papel da escola nas sociedades marginalizadas, onde a inclusão digital e a tecnologização podem gerar benefício para a inclusão social.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo. Ética. Multiculturalismo. Amazônia.

INTRODUÇÃO

Discutir as questões da educação é uma necessidade urgente de todos os segmentos da sociedade, especialmente aqueles ligados diretamente ao processo ensino aprendizagem, como professores, alunos pais, Instituições formadoras de professores. Consideramos oportuno numa I Semana de Humanidades, refletir sobre as possibilidades de aperfeiçoar a dinâmica educativa que inclui a escola multicultural na Amazônia. Desta forma, utilizaremos como suporte básico para o debate o texto Formação de Educadores, Currículo e Educação Multicultural: um diálogo Freireano na Amazônia, tendo sido elaborado pelas professoras Carmem Tereza Velenga, Elza Araújo dos Santos e Tânia Suely Azevedo Brasileiro.

Escolheu-se o texto pelo fato do tema abordado estar relacionado com a complexidade que permeia a temática: a Construção do Sujeito Contemporâneo: uma perspectiva para a Amazônia.

Os aspectos reflexivos sobre o tema estarão baseados no enfoque da teoria Freireana que preconiza uma educação humanizadora e dialógica. Ampliando este diálogo, utilizaremos as idéias de Sarah LaBreac Wyman, que fortalece a necessidade de se considerar a diversidade cultural dos alunos nos espaços educativos. Tais reflexões básicas apresentadas estão pautadas em três eixos problematizadores que são fundamentais:

a) como o currículo pode atender à diversidade e as peculiaridades regionais devendo dar abertura aos desafios que são manifestados pela diversidade cultural da Amazônia dissolvendo preconceitos de racismos e xenofobias;

b) quais os desafios atuais enfrentados na formação de educadores, sendo que deve engajar politicamente os educandos-educadores-educandos, objetivando revelar variadas mistificações de opressão e exclusão, direcionando um olhar para as classes populares, estabelecendo um projeto de sociedade multicultural na Amazônia, mais humana; e

c) qual o destaque do papel da escola nas sociedades marginalizadas, onde a inclusão digital e a tecnologização podem gerar benefício para a inclusão social, tendo como ponto de partida a formação de educadores críticos.

As três abordagens questionadas tendem a explicitar a ética universal do ser humano, que está salientada em toda a obra freireana, tão relevante para o processo formativo do educador com a visão de educação planetária.

As abordagens no campo do Currículo são freqüentes no cenário educacional e trazem discussões que permeiam desde a sua evolução histórica até as novas e atuais concepções.

O fato é que o currículo está no centro do debate e com uma nova vertente – o currículo inclusivo ganha destaque a partir de categorias como: sociedade, cultura e poder.

A forma como os currículos são produzidos é um dos temas que se enfatiza nas teorizações curriculares considerando que estes não são desprovidos de ideologia, portanto, não são neutros. São elaborados e definidos para atender determinada sociedade em determinado contexto histórico.

O currículo vem recebendo, assim, influências das diferentes reformas educacionais e atualmente responde a um período de transição no qual os regimes autoritários estão sendo superados pela busca de uma democracia.

Diante deste quadro, as discussões freireanas convocam a reflexões sobre que tipo de homem e sociedade se pretende construir e a favor de quem estamos, pois não existe prática educativa sem ato político. Para esclarecer tais questionamentos uma revisão histórica sobre a evolução do currículo é apresentada.

A concepção moderna fundamentada no discurso taylorista da eficácia traz os princípios da administração com seu modelo racional e de padronização e ganha força na organização da educação. Há uma elitização dos conhecimentos científicos e conseqüentemente, uma divisão social entre aqueles que tinham acesso a tais conhecimentos e aqueles que não tinham.

Críticas surgiram em combate à teorização curricular tecnicista, a partir das concepções crítico-reprodutivistas e podem ser percebidas em obras de renomados autores como Althusser, Bordieu, Passeron, Bowles, Gintis, Apple, Giroux, Saviani e Paulo Freire.

Este último desenvolveu uma teorização crítica do currículo, denunciando a opressão da classe dominante sobre a classe dominada, inspirando a reconceitualização do currículo nos EUA e Europa evidenciada nos trabalhos de Michael Apple que destaca-se na corrente norte-americana enfatizando o papel ideológico do currículo; Peter McLaren, canadense, denuncia as desigualdades presentes nas relações de gênero e raça; Saviani questiona as pedagogias progressistas quanto a seu caráter inovador; Ana Maria Saul, numa abordagem emancipadora, traz à reflexão a importância da negociação, respeitando-se o pluralismo de valores e o diálogo como instrumento pedagógico principal de mudança; Homi Bhabha enfatizou a resistência à dominação em vários aspectos como cultural, físico, político.

As categorias Sociedade, Cultura e Poder tornam-se pano de fundo para os estudos no campo do currículo e denunciam a pretensa neutralidade do currículo e este é reconhecido como campo de luta onde os diferentes grupos tentam estabelecer a sua hegemonia.

Numa perspectiva crítica, propõe-se um novo olhar direcionado ao currículo, contemplando uma educação inclusiva a partir da formação de professores

engajados na transformação de valores pessoais e sociais objetivando uma sociedade democrática.

Os dois tipos antagônicos de educação analisados por Freire (educação bancária e educação libertadora) devem ser enfatizados nos cursos de formação docente para possibilitar o desenvolvimento de uma consciência a respeito do papel transformador da educação.

O ensino inclusivo e democrático é, nesta perspectiva, a via para alcançar tal educação e deve ter o multiculturalismo crítico enquanto alicerce na construção de uma pedagogia crítica que esclareça o papel democrático da escola e combata a reprodução das diferenças sociais.

Refletir sobre como o poder molda a consciência é imprescindível na conquista de um projeto de educação idealizado por Paulo Freire, capaz de intervir em contextos de opressão e pertinentes na discussão da formação de educadores na região amazônica brasileira.

Frente às mudanças aceleradas no contexto pós-moderno, a criação de um novo paradigma constitui-se numa possibilidade de transformar a prática educativa. O entendimento de que as complexidades e a pluralidade das relações sociais, a integração e superação da exclusão exigem um processo de ensino aprendizagem que capacite a pessoa a aprender a aprender.

A tecnologia é vista, portanto como uma ferramenta a ser utilizada no cotidiano docente, oportunizando uma ação didática comunicativa e interativa.

É uma forma de inclusão uma vez que desenvolve habilidades em seus usuários permitindo-lhes a apropriação dos saberes sociais e culturais, que circulam por esse meio.

A dimensão ética, nesta perspectiva precisa conduzir as relações interpessoais garantindo o respeito à tolerância e a liberdade de expressão.

A prática pedagógica, então, assume compromisso com a transformação social em defesa dos menos favorecidos revelando sua dimensão política tão evidenciada por Paulo Freire.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES, CURRÍCULO E MULTICULTURALIDADE: POSTURA INCLUSIVA NA ÓTICA FREIREANA

Já se apresentou nesse trabalho o grande destaque do currículo cada vez maior nas discussões educacionais, que gera às reflexões sobre de que forma os currículos são elaborados pelos educadores, e tem alcançado diversos níveis da educação. Numa abordagem histórica do currículo, emerge no século XX um profissional especialista para prescrever conteúdos, baseado na racionalidade científica moderna, onde gerou uma fragmentação do conhecimento originando uma descontextualização da realidade. Ainda nesse contexto destaca-se a influência do taylorismo refletindo princípios da administração científica para o currículo: cientificista e tecnicista.

Na metade do século XX o escolanovismo foi conotado de elitista pelos teóricos críticos, pois excluía uma escola de qualidade para as classes populares. Surgiram as críticas de vários educadores, entre eles Paulo Freire, onde questionaram as desigualdades e as injustiças sociais provocadas pela elitização dos currículos. Sendo assim, Sociedade, Cultura e Poder denunciam a neutralidade do currículo, que é concebido como um campo de luta em busca de identidade e significado, compreendendo que conhecimento e currículo são na sua essência culturais.

Por isso, numa concepção crítica o currículo precisa contemplar uma educação inclusiva a partir da formação de educadores comprometidos com a educação de qualidade para camadas populares, visando uma sociedade democrática plenamente. Nisso o multiculturalismo crítico faz sua contribuição com análise de como a realidade social e educativa emanam privilégios para a exclusão de preconceito. Diante disso se afirma que é uma grande luta para vencer os desafios da multiculturalidade crítica em Rondônia. Paulo Freire (1992, p. 157) enfatiza:

É preciso reenfatizar que a multiculturalidade como fenômeno que implica a convivência num mesmo espaço de diferentes culturas não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, uma certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda uma nova ética fundada no respeito às diferenças.

Dentro de uma postura inclusiva, traça-se uma abordagem sobre a formação de educadores numa perspectiva crítica, focando a tecnologização vinculada ao projeto de multiculturalidade, objetivando uma formação atual onde o recurso

primordial é o diálogo intercultural, tendo uma ótica de humanização e da ação/interação conscientizadora. Ademais, as novas tecnologias da informação e da comunicação compreendem um conjunto de veículos para o acesso a informação, gerando novos modelos de participação e recriação cultural.

Descreve-se também uma experiência aplicada de um projeto de Estágio Supervisionado, onde se processa com encontros presenciais realizando reflexões sobre: a prática em princípios metodológicos da interação do diálogo e da complexidade das ações, o diálogo como condição histórica e cultural do ser em se saber no mundo e situação didáticas organizadas favorecendo a construção de uma teia interdisciplinar, objetivando uma prática pedagógica crítico-reflexiva.

A ética universal encontrada na epistemologia freireana, pensa na perspectiva de transparência das ações educacionais e administrativas, configurada na construção de um Projeto Político Pedagógico que atenda a coletividade e a subjetividade, respeitando a dignidade humana, a tolerância e o viver entre fronteiras geográficas, políticas e sociais. Assim sendo, quando se pensa na construção do projeto político-pedagógico, fica explícito que há necessidade de esclarecimento do pretendido no âmbito educativo. Ilma Veiga (2001, p. 55-6) vem ratificar isso, quando fala:

Superar a visão conservadora e extrapolar o centralismo burocrático pressupõe o envolvimento de diferentes instâncias que atuam no campo da educação, além do coletivo da escola, na construção de seu projeto político-pedagógico, exprimindo sua intencionalidade pedagógica, cultural, profissional [...]

Para a construção do projeto político-pedagógico, devemos ter claro o que se quer fazer e por que vamos fazê-lo. Assim, o projeto não se constitui na simples produção de um documento, mas na consolidação de um processo de ação-reflexão-ação que exige o esforço conjunto de vontade política do coletivo escolar.

Isso reflete a luta da nossa região em perceber como o currículo tem atuado perante a diversidade presente na fronteira multicultural, numa ótica crítica, que se apresenta não só no discurso, mas principalmente na práxis pedagógica autêntica do educador e educando e se espalha no ambiente da escola e da sociedade, pois se torna inerente ao indivíduo, porque não concebe o diferente como inferior. Define-se como práxis o que está explicitado na teoria de Paulo Freire (2005, p. 42): “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Portanto, o currículo que se pretende aqui é aquele envolvido com a formação de

docentes conscientes e comprometidos com a mudança para com uma sociedade mais justa e utilize o diálogo com ferramenta pedagógica fundamentada na ética. Não se pode pensar dentro desse contexto amplo sem um desenvolvimento crítico da tomada de consciência para uma práxis, ou seja, uma prática consciente do educador que exige reflexão, intencionalidade, temporalidade e transcendência. Paulo Freire (2001, p. 30) destaca:

A conscientização não pode existir fora da *práxis*, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. [grifo do autor]

Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo.

Paulo Freire foi um homem do mundo e, por esta razão, suas idéias influenciaram outros pensadoras como Sarah LaBreac Wyman, que questiona em seu livro “ Como responder a diversidade cultural dos alunos’.

No que diz respeito à escola pública e a cultura, a autora aponta que os neomarxistas acusam as escolas de reproduzirem, meramente, a estrutura de classe e de relações sociais necessárias para manter os lucros e a divisão capitalista do trabalho, prejudicando as minorias que estão desproporcionalmente representadas entre as classes mais baixa.

Os trabalhos de Apple (1990) e Giroux (1980) mostram como as escolas são uma réplica da estrutura econômica e do status quo, dados que contribuem para a manutenção da desigualdade existente ao nível de raça, classe e gênero. Neste ponto percebe-se na escola pública a representação do poder e do preconceito.

Este dado nega as idéias de Nobles (1990), quando afirma que todos os aspectos da educação são culturais, portanto, as escolas podem, potencialmente, apoiar o desenvolvimento de identidades biculturais dos alunos de cor e a aceitação destes indivíduos pela maioria da população.

O currículo escolar é de fundamental importância para orientar a superação do preconceito e a inclusão de atitudes multiculturais. A Primeira Conferência Nacional sobre Introdução de conteúdos Africanos e Afro-americanos no currículo escolar americano identificou algumas finalidades genéricas do currículo:

- conhecer a história geral do grupo cultural pelos alunos;
- os professores tem de compreender, de forma competente, as histórias dos grupos ... e decidir o modo de melhor utilizar os materiais curriculares;
- incluir e estimular a comunidade a contribuir com o currículo escolar.

No que diz respeito às Práticas de Ensino a autora destaca como de fundamental importância na execução do currículo multicultural: a relação professor aluno; a formação dos professores, a metodologia, a avaliação e a auto-avaliação. Todos estes aspectos devem ser considerados como de fundamental importância para transformar o currículo hierarquizado e dominante em um currículo multicultural que atenda as necessidades de todos os estudantes, mas como começar?

Somos de acordo com Sarah LaBrec Wyman, em indicar que seja praticado:

- um currículo baseado em conhecimentos sólidos, que reflita a diversidade da sua população estudantil da Amazônia;
- que forme professores conscientes dos vários grupos que irão trabalhar e possam decidir qual a melhor maneira de utilizar os materiais curriculares;
- a construção de materiais curriculares para todas as disciplinas de forma que permitam aos alunos a aquisição de compreensão interdisciplinar dos diversos grupos;
- que seja adquirido tecnologias/recursos matérias que facilitem a aprendizagem, como: livros, vídeos, mapas, filmes, revistas, acesso a internet e outros que dêem suporte a um currículo multicultural;
- a comunidade interna e externa participe ativamente da construção do currículo e de sua execução.

Nesse sentido, é indispensável a formação docente pautada na práxis pedagógica implicada no saber dialogar e escutar, consolidando o respeito pelo saber do educando, reconhecendo a identidade cultural do outro.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 12. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2007.

- _____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Política e educação: ensaios.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político-Pedagógico: novas trilhas para a escola. In: **As Dimensões do Projeto Político-Pedagógico: Novos desafios para a escola.** VEIGA, Ilma Passos Alencastro; FONSECA, Marília (orgs.). Campinas, SP: Papirus, 2001.
- VELANGA, C. T.; SANTOS, E. A.; BRASILEIRO, T. S. A. Formação de Educadores, Currículo e Educação Multicultural: um diálogo Freireano na Amazônia. In: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel (org.). **Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o plural em reflexões e ações.** Curitiba: Editora CRV, 2009.
- WYMAN, Sara Labrec. **Como responder à diversidade cultural dos alunos.** Tradução Vitor Oliveira. Portugal: ASA Editores II S. A., 2000

NOTAS

43

ⁱ Este trabalho foi apresentado na I Semana da Humanidade da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

ⁱⁱ Especialização em em Coordenação e supervisão Pedagógica pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil(2001), mestranda no Mestrado em Educação (UNIR) e atualmente trabalha na Representação de Ensino de Machadinho do Oeste/Secretaria de Educação de Rondônia como técnica pedagógica. caujustus@hotmail.com.

ⁱⁱⁱ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia (1989). Pós graduada em Gestão Escola e Metodologia do Ensino superior. Atualmente é professora nas Faculdades FARO- Faculdade de Ciencias Humanas, Exatas e Letras de Rondonia e na UNIRON - Faculdade Interamericana de Porto Velho, mestranda no Mestrado em Educação (UNIR). inaciahlma@hotmail.com.

^{iv} Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Brasil, Especialista em Administração e Gestão Escolar (UNIR), mestranda no Mestrado em Educação (UNIR) e atualmente atua como professora na Faculdade São Lucas nos Cursos de Enfermagem e Ciências Biológicas, paula_fernanda@saolucas.edu.br.